**UMA ANÁLISE SOCIOCOGNITIVISTA SOBRE O DISCURSO DO ÓDIO EM PÁGINAS DE EXTREMA DIREITA NO FACEBOOK**

Francisco Marcos de Oliveira Luz

Docente do Curso de Letras da universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Profª Maria Elisa Albuquerque Maia (CAMEAM) E-mail: [marcosluzuern@gmail.com](mailto:marcosluzuern@gmail.com)

Tawan Oliveira Teixeira

Graduando do curso de Letras – Inglês pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) E-mail: [tawanoliveira11@hotmail.com](mailto:tawanoliveira11@hotmail.com)

Rafaela Bezerra de Oliveira

Graduando do curso de Letras – Inglês pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) E-mail: [rafaela.drihyuga@gmail.com](mailto:rafaela.drihyuga@gmail.com)

Thalia Silva de Queiroz

Graduando do curso de Letras – Inglês pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) E-mail: [thaliasilva172@gmail.com](mailto:thaliasilva172@gmail.com)

**RESUMO**

O país e mundo têm vivido a chamada “onda” neoconservadora que têm se enraizado nas mais diversas áreas em que a comunicação humana atua. Com isso, pensamentos e atitudes reacionárias vieram à tona, culminando, muitas vezes, em discursos autoritários e crivado de ódio. O discurso de ódio, sobretudo aquele que transita nas redes sociais, tem contribuído para a geração da violência simbólica, uma vez que essa é decorrente da linguagem. Compartilhar o ódio nas redes sociais também pode evidenciar indícios de dispatia que, por sua vez, pode ser consequência da carência de imaginação empática (JOHNSON, 1993). Nessa pesquisa, buscaremos investigar, compreender e analisar criticamente o discurso do ódio no facebook sob uma perspectiva sociocognitivista. Para isso, nos basearemos em Lakoff (1996; 2008), Recuero (2014), Klein (2017) e Sardinha (2007), Robin (2018) entre outros. O percurso metodológico ocorrerá através da compilação e análise de textos verbais e visuais de páginas de grupos de extrema direita no facebook. A análise do corpus terá como base a teoria da política moral (Lakoff, 1996), a qual disserta sobre a moralidade dos conservadores, progressistas e biconceptuais (com ambas as moralidades).

**Palavras – Chave**: Discurso. Ódio. Empatia. Sociocognitivista. Facebook

**INTRODUÇÃO**

A palavra ódio tem etimologia oriunda do latim (*odium*) e pressupõe aversão, antipatia, raiva, rancor e ira. Ódio pode ser definido como aversão intensa gerada e motivada por medo, raiva ou injúria sofrida. O ódio pode ser pessoal, de uma pessoa para outra em um determinado momento de fúria; como também pode ser social, direcionado para determinado grupo ou grupos, motivado por diversos motivos, seja ideológico ou racial.

Nas sociedades contemporâneas, sobretudo no Brasil atual, o ódio tem se tornado um elemento do dia-a-dia. Ele opera em nível discursivo e, posteriormente, materializa-se em ações, as quais sempre culminam em violência física, seguidas de resultados danosos, sobretudo para grupos historicamente minoritários, como grupos homoeróticos, mulheres, negros e imigrantes.

Uma das formas mais comuns de observarmos o discurso do ódio é através de suas manifestações nas redes sociais. Isso não é algo novo, uma vez que em era de Orkut, era possível observarmos comunidades dedicadas a odiar, desde uma simples aula de línguas, até às mais famosas celebridades e grupos sociais.

O facebook é a rede social mais utilizada no mundo cujos números podem ser traduzidos da seguinte forma: “no Brasil 75 em cada 100 usuários de internet, conectados à Web, entram no facebook, subindo o número na Índia e Estados Unidos para 80 usuários”. (CARVALHO & KRAMMER, 2012, p. 81). Ainda segundo dados da Folha de São Paulo, publicado em 27 de 01 de 2016, o facebook conta com 1,6 bilhões de usuários em nível mundial. Isso demonstra o potencial de comunicação que essa rede social tem.

Segundo Mcmasters (1999, apud KLEIN, 2017, p 6.), “discurso do ódio é aquele que ofende, ameaça, ou insulta grupos com base em raça, cor, religião, origem nacional, gênero, orientação sexual, deficiência física, ou outros traços”. O discurso de ódio tem recrudescido na atualidade e encontrou terreno propício para sua germinação e consequente disseminação: as redes sociais. Klein (2017, p. 6) descreve o discurso do ódio *online* como “ o emprego estratégico de palavras, imagens, e símbolos, bem como *links*, downloads, tópicos em fóruns online, memes, teorias da conspiração, blogs políticos, e até mesmo cultura pop, todos esses fazem parte do maquinário complexo da retórica efetiva inflamatória. ”

O discurso de ódio online é uma forma de violência simbólica, pois ocorre na linguagem, sendo mais eficaz do que as outras formas comumente usadas no dia a dia. Isso de explica, devido à ubiquidade das mídias sociais e suas formas de interagir na sociedade.

O discurso de ódio só é possível de se configurar através de recursos semióticos como imagens e palavras. Karnal (2017, p. 49) afirma:

Por falar em palavras: elas ferem, palavras são armas, são prenúncio de violência maiores. O primeiro passo para eu promover o genocídio ou o assassinato de um grupo é estabelecer uma categoria cultural para esse grupo. Umberto Eco nos diz que há duas formas de proceder com esse tipo de ódio. No primeiro, estabelece-se o outro como feio. Como odeio feio, passo então a desconfiar e criminalizar esse outro que eu mesmo disse que era feio – justamente por não ser igual a mim. Foi o que a Europa fez com as bruxas ou com os negros

Nas palavras do autor, o ódio culmina sempre em violência, seja física ou verbal, se originando sempre da incapacidade de tolerar o outro e suas particularidades inerentes. Os grupos historicamente minoritários e com escarço poder político e econômico têm sido as vítimas mais constantes de uma onda de ódio que tem atingido as sociedades no mundo em geral, mas que tem, gradativamente, se espalhado pelo Brasil.

Feito essas considerações iniciais, cremos que o discurso do ódio esteja cada dia mais presente no cotidiano brasileiro. É possível ser observado no protesto xenofóbico contra um libanês imigrante vendedor de esfirras; contra uma mulher que governou o país; contra um casal homo afetivo e contra um negro cotista que ingressa em uma universidade. O que existe em comum entre esses grupos? São minorias do ponto de vista de representatividade política. O imigrante sofre xenofobia, a mulher machismo e misoginia, gays sofrem homofobia e os negros historicamente sofrem racismo, que ora se camufla em eufemismos, ora se explicita.

**JUSTIFICATIVA**

O discurso do ódio nas redes sociais pode ser comparado a um ritual denominado **Dois minutos do ódio,** descrito na obra 1984 de George Orwell. Nesse evento, as pessoas são obrigadas a assistir, diariamente, na tele tela, a imagem de um opositor do governo (Emanuel Goldstein) do grande irmão (*Big brother*). Durante esses dois minutos as pessoas são levadas a um estado de exaltação histérica, de muita raiva, de ódio, onde proferem insultos e ameaças contra a imagem sendo exibida na teletela. Algumas vezes os telespectadores partem até mesmo para a agressão física contra o aparelho.

No lugar da teletela, páginas, postagens, fakenews e memes. No lugar da imagem do político opositor do “grande irmão”, adversários políticos e minorias sociais como gays, feministas, negros, cotistas e esquerdistas etc.. O que de mais em comum existe nessas situações é nada mais do que um combustível que mova a violência: o ódio.

O que há em mais comum entre a trama ficcional de 1984 e o drama real em que se vive é o caráter substancialmente político. A demonização do sujeito que é politicamente diferente ou tem ideias opostas a um status quo conservador perpassa diariamente as redes sociais em uma velocidade imensa.

O discurso do ódio é uma espécie de linguagem performática, pragmaticamente falando, pois tende a motivar ações violentas. Tiburi (2017, p. 127- 123) faz um inventário de sujeitos sociais que potencializam o ódio e, consequentemente, a violência. Um dos tipos que ela descreve é chamado representante do conhecimento paranoico. Tal sujeito, segunda a filósofa, seria alguém que “tendo estudado ou sendo autodidata, o representante do conhecimento paranoico pode ser, sob certo aspecto, genial. O paranoico tem certezas, a falta de dúvida é o que torna idiota”. Mas, o que mais chama a atenção nesse tipo, e o torna um potencializador do ódio, é sua capacidade de idealizar monstros. Como uma espécie de Dom Quixote pós-moderno, e partindo de certezas inquebrantáveis, ele enxerga inimigos no comunismo, feminismo, na política de cotas ou em qualquer forma de discursos contrários às suas certezas e verdades pré-fabricadas. Dessa forma, demonizar o outro ou o diferente, se torna comum nas práticas discursivas desse tipo de sujeito, o que pode culminar em violência física.

Os chamados “haters”, os quais comumente transitam nas redes sociais, apresentam uma visão de mundo maniqueísta. Por apresentarem posturas conservadoras, eles concebem o mundo com um lugar perigoso, no qual se trava uma luta entre o bem e o mal. Assim, proliferam antagonismos dicotômicos como capitalismo contra socialismo/comunismo, coxinhas contra mortadelas, gays contra heterossexuais, cotistas contra não-cotistas e machista contra feministas. É possível comprovar isso ao observarmos páginas em redes sociais, as quais se dedicam a defender discursos que defendem ideias baseadas na contestação da alteridade, ignorando os direitos civis individuais e suas identidades sociais.

Os efeitos nocivos do discurso do ódio são apontados por estudos das ciências cognitivas, sobretudo da neurociência. Segundo Lakoff (2017), “o discurso do ódio é uma forma de imposição física violenta sobre o outro, uma vez que a linguagem tem efeitos psicológicos impostos fisicamente no sistema neural, com efeitos muito danosos de longa duração”. Isso ocorre, segundo o linguista estadunidense, porque “o pensamento é realizado por circuitos neurais [...] e a língua é responsável por ativá-lo”. Sendo assim, “a linguagem pode alterar o cérebro, tanto para melhor quanto para pior”. Dessa forma, os insumos linguísticos formados por um léxico odioso poderão modificar o cérebro de forma negativa, formando sujeitos, em tese, socialmente propensos à violência.

Lakoff ainda destaque que o discurso do ódio pode ser identificado pelo uso de métodos de difamação os quais são:

**O uso de exemplos salientes -** *Usa-se um exemplo estereotipado para difamar uma classe inteira. O autor dá como exemplo a forma como Donald Trump classificava os mulçumanos e latinos, usando exemplos negativos isolados para estereotipar uma classe inteira;*

**Exaltando falsas virtudes da classe oposta –** *Exemplo: racistas que atribuem a si mesmos todos os avanços da civilização;*

**Uso de metáforas baseadas em raciocínios falaciosos –** Quando racistas, por exemplo, se nomeiam “os mais evoluídos”, com base em uma noção distorcida de evolução;

O discurso do ódio sob a óptica das ciências cognitivas pode afetar a quem enuncia discursos de ódio e quem é objeto de descrições odiosas por parte de odiadores.

**SÍNTESE TEÓRICA**

**IMAGINAÇÃO MORAL E TEORIA DA MORAL POLÍTICA**

Para essa pesquisa nos basearemos em Johnson (1993; 2014), Lakoff (1999; 2002 e 2009), autores que realizam pesquisas na área da filosofia moral e na linguística cognitiva com subsídios teóricos das ciências cognitivas.

Defenderemos a tese de que o discurso do ódio e suas subsequentes manifestações de intolerância podem culminar em violência física. O léxico odioso já constitui, por si mesmo, violência verbal que visa eliminar o outro metaforicamente. Esse discurso violento, em nossa opinião, é fruto do recrudescimento de uma ideologia conservadora, a qual se apoia em metáforas com as da **força moral** e à da **ordem moral.**  A primeira dá ênfase à punição e à autoridade; a segunda hierarquiza sujeitos e valores morais baseado numa visão de mundo conservadora.

Johnson (2014) descreve dois tipos opostos de concepções dos valores morais: a visão não naturalista e a visão naturalista. O autor estadunidense define essas duas terias da seguinte forma:

*Teorias não naturalistas* localiza a fonte das normais e princípios morais em alguma realidade que supostamente transcende o mundo natural. Creem que os valores e princípios absolutos serão trazidos para a experiência, para nos dar uma base para avaliarmos a moralidade de ações em particular, princípios morais, traços de caráter, e as instituições.

*Teorias naturalistas,* pelo contrário, veem padrões e valores morais como algo que surge da nossa experiência no mundo natural, que envolve dimensões biológicas, interpessoais (social), e culturais. Não há um “puro” a priori que sirva de alicerce às normas morais, portanto eles têm que emergir de nossas necessidades fundamentais, individuais e harmonia grupal, florescimento pessoal e comunal, e consumação do sentido e propósitos humanos.

Analisando as definições acima, fica claro que a perspectiva moral conservadora se baseia em uma moral transcendental, guiada por princípios metafísicos que não levam em conta o papel da cultura.

Segundo Johnson (1993), a nossa compreensão moral é essencialmente imaginativa. O filósofo estadunidense defende o conceito de imaginação moral, a qual é definida por ele como:

[...] nossa capacidade de ver e perceber em certas experiências reais ou contempladas, possibilidades de melhorar a qualidade da experiência, tanto para nós mesmos e como para as comunidades das quais nós fazemos parte, tanto para presente como para as gerações futuras, tanto para nossas práticas existentes e instituições bem como para àquelas que nós podemos imaginar como potencialmente realizáveis.

Em outras palavras, a imaginação moral pressupõe a capacidade de se projetar em determinada situação que envolve dilemas morais com apoio da imaginação. O filósofo defende que, para a solução de problemas morais, é necessário recorrermos a “a nossa capacidade para imaginar pontos de vistas alternativos” (1993 p 203).

Johnson (1993) defende a ideia de que a moral se apoia em estruturas imaginativas, as quais são possíveis através de *frames*, esquemas imagéticos, metáforas, narrativas e protótipos. Isso justifica o caráter imaginativo da moral. Assim, conceitos morais como causa, ação, bem-estar, propósito, estado, dever, direito, liberdade são definidos metaforicamente.

Podemos ilustrar a natureza imaginativa da moral na seguinte passagem mencionada por Johnson (1993, p. 195):

O que chamamos “lições de vida” são, portanto, possíveis por causa de nossa habilidade de raciocinar metaforicamente. Frequentemente, aprendemos de uma experiência trazendo metaforicamente de certa experiência particular para nossa experiência presente, a qual não é exatamente a mesma. Apreendemos a estrutura metafórica da situação prévia e aplicamos à que nós encontramos no momento. É essa flexibilidade imaginativa da metáfora que torna isso possível

A metáfora, portanto, tem papel fundamental na imaginação moral, pois permite realizar operações mentais capazes de proporcionar a empatia.

Johnson argumenta que as teorias morais tradicionais têm ignorado um conceito muito importante dentro de nossa capacidade moral: a empatia. O autor descreve o termo imaginação empática, o qual seria a capacidade de se projetar para dentro da experiência de outras pessoas. Para ser imaginativamente empático, é necessário “imaginarmos em diferentes situações e condições em tempos futuros ou passados” (Johnson, p. 199).

Assim, a empatia como a capacidade se colocar no lugar do outro só é possível via imaginação. É a imaginação empática que possibilita vislumbra possíveis soluções para os dilemas morais e, consequentemente, melhorando as relações de alteridade.

Cremos que haja uma estreita relação entre a imaginação moral e o discurso do ódio. Isso pode ser ilustrado quando mencionamos casos de intolerâncias nas redes sociais. Um exemplo recente é o da morte da ex-primeira dama dona Marisa, a qual recebeu impropérios, mesmo após sua morte. É provável que a incapacidade de se projetar imaginativamente empático, impediu que muitos se colocassem no lugar do outro, tanto da falecida, quanto dos entes e amigos que perderam.

Embora a perda de um ente querido seja uma narrativa moral universal, o discurso do ódio esteve bastante presente nas repercussões da morte de Dona Marisa. Os fatos nem sempre se encaixam nos *frames*, argumenta Lakoff (2017). Quando isso ocorre, os fatos são dispensados, em favor de um determinado frame moral predominante.

As minorias sociais são, em tese, as principais vítimas dos discursos do ódio que advém, geralmente, de atitudes extremistas e conservadoras em relação ao outro. Há uma dificuldade ou recusa em se colocar no lugar do outro que está em uma situação de diferença ou aparente inferioridade. Johnson (1993, p. 200), mais uma vez, recorre ao potencial cognitivo que o indivíduo possa lança mão, para gerar empatia e, consequentemente, a tolerância. Portanto:

Refletir [empaticamente] envolve uma racionalidade imaginativa através da qual podemos participar empaticamente na experiência do outro: seu sofrimento, dor, humilhação, e frustração, bem como suas alegrias, realizações, planos e esperanças. Pessoas moralmente sensíveis são capazes de realizar, completamente essa experiência imaginativa, a realidade de outros com quem estão interagindo, com quem suas ações possam interferir.

Se por um lado um indivíduo pode apresentar uma moral baseada em empatia imaginativa, por outro, esse mesmo raciocínio moral pode projetar o ódio sob um enfoque da dispatia (CAMERON, 2003). Essa atitude pode ser baseada em um modelo cognitivo idealizado de família centrada no pai severo (Cf. Lakoff 2002), o qual se estrutura em valores conservadores que colocam em primeiro plano a autoridade e punição.

**OBJETIVO GERAL:**

* Investigar como o discurso do ódio, através de suas manifestações verbais e não verbais na rede social facebook, pode contribuir para gerar e manter a violência.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

* Identificar enunciados linguísticos-visuais-metafóricos que veiculem o discurso do ódio em páginas de grupos de extrema direita no facebook;
* Compreender como os discursos do ódio enunciados nas páginas podem potencializar a violência (física) através de determinadas escolhas lexicais;
* Verificar como a presença/ausência da imaginação moral contribui para a efetivação da empatia e dispatia nos enunciados analisados.

**METODOLOGIA**

A escolha do método ou métodos em uma pesquisa deve obedecer a critérios que reflitam as necessidades do corpus e do local de onde os dados são extraídos. A internet, por exemplo, tem se tornado um laboratório perene das mais diversas pesquisas das áreas das ciências humanas.

A metodologia deste estudo consistirá em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, na qual realizaremos um estudo sobre o discurso do ódio em fan-pages do facebook sob uma perspectiva cognitivista.

Segundo Severino (2007, p. 122),

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registros disponíveis, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos [ou em formato eletrônico], como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.

De fato, a pesquisa bibliográfica nos fornecerá subsídios teóricos que dará substância às argumentações que constarão nessa pesquisa. As concepções e resultados de outros estudos nos darão uma base para que sustentemos a tese defendida nesse estudo.

O caráter qualitativo desse estudo reside no fato de concebermos a realidade como um fenômeno socialmente construído, enfatizando, ao mesmo tempo, “as qualidades das entidades e [...] os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência” (DENZIN ET AL, 2006, p. 23). Na condição de um pesquisador qualitativo, levaremos em consideração critérios valorativos inerentes à escala social, uma vez que a experiência social é repleta de significados.

Fragoso et al (2011, p. 11), em seu livro sobre métodos de pesquisa na internet, ressaltam as particularidades que uma pesquisa que esse ambiente virtual demanda: “Uma das grandes dificuldades da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais e, de um modo geral, da pesquisa a respeito de novas tecnologias e internet, é a abordagem empírica” Os autores destacam três aspectos sobre essa problemática: “como fazer”, “como aplicar” e “e como pensar”. Esses três “comos” remeta a fatores metodológicos procedimentais que se adéquem aos pontos de vistas teóricos do pesquisador, sem abdicar da cientificidade, requerida no estudo em potencial.

A internet representa, sem dúvidas, um universo de possibilidades de pesquisas. Sobre isso, Fragoso et al (2011) afirmam: [...] a internet pode ser tanto *objeto* de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto *local* de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, *instrumento* de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto). Dentre desse microcosmos, há redes sociais que dimensionam vozes sociais cujos discursos permeiam, muitas vezes, ódio e violência simbólica.

Para essa pesquisa, a internet será concebida como um ambiente de pesquisa, o qual fornecerá dados que serão transformados em corpus para subsequente análise. As páginas de facebook são parte integrante desse ecossistema digital, abrangendo diversas temáticas, motivadas por diferentes orientações ideológicas.

Serão coletadas publicações feitas nas páginas do site no facebook, em que iremos analisar o material linguístico contido neste espaço. Inicialmente, será realizada uma pesquisa de referência para aporte analítico a fim de averiguar as contribuições da teoria na realização do estudo do corpus selecionado. A teoria abordada é baseada nos estudos de Johnson (1993; 2014) e Lakoff (1999; 2002 e 2009). Para este estudo, compilaremos corpus com textos oriundos de páginas de anti-fãs do facebook.

Após a coleta, faremos a análise dos enunciados produzidos nas páginas anti-fãs, observando como o discurso do ódio é usado para matar simbolicamente o outro. Daremos prioridade à busca por **expressões metafóricas** licenciadas por **metáforas conceptuais** que, em tese, obedeçam a uma visão de mundo conservadora e autoritária.

Para identificarmos as metáforas recorremos ao método denominado MIP (*Metaphor identification procedure*), desenvolvido pelo Pragglejaz Group que consiste em:

1. Ler o texto-discurso inteiro para estabelecer um entendimento geral do sentido;
2. Determinar as unidades lexicais no texto-discurso;
3. (a). Para cada unidade lexical no texto, estabelecer seu sentido no contexto, o que significa dizer, como esse sentido se aplica a uma entidade, sua relação ou atribuição na situação evocada pelo texto (sentido contextual). Isso levando-se em conta o que vem antes e depois da unidade lexical em observada;

(b) Para cada unidade lexical, determina-se se ela tem um sentido contemporâneo mais básico em outros contextos do que o contexto investigado. Sendo assim, o sentido básico tenderá a ser:

• Mais concreto (o que se evoca é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir no paladar);

• Relacionado a ações corpóreas;

• Mais exato (oposto a vago)

• Historicamente mais antigo.

- Os sentidos básicos não são necessariamente os mais frequentes da unidade lexical;

(c) Se a unidade lexical tiver um sentido mais básico na contemporaneidade em outros contextos do que no contexto em análise, decide-se se o sentido contextual contrasta com o sentido básico, mas pode ser entendido em comparação com ele;

4. Se os itens acima forem atendidos, marca-se a unidade lexical como uma metáfora.

Em relação às **metáforas visuais** (ou multimodais), seguiremos os procedimentos que Forceville (1996) adota para identificação desse tipo de metáforas. Consistem em três questões básicas: a) quais são os dois termos de uma metáfora, ou seja, seu domínio-fonte e seu domínio-alvo; b) qual desses termos será considerado domínio-fonte e domínio-alvo; c) quais traços serão projetados do domínios-fonte ao domínio-alvo. Isso envolverá, também, os fatores contextuais.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE**,** M. & PISCHETOLA, M. **O discurso de ódio nas mídias sociais:** a diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.14, n.04, p. 1377– 1394 out. /dez. 2016.

ARENDT, H. **Sobre a violência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMERON, L. & MASLEN, R. **Metaphor Analysis:** Research Practice in Applied Linguistics, Social Science and the Humanities. London: Equinox Publishing, 2010

CHARTERIS-BLACK, J. **Analyzing Political Discourse:** Rhetoric, discourse and metaphor. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; & AMARAL, A.  **Métodos de pesquisa na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

GLUCKSMANN, A. **O discurso do ódio.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2007

JOHNSON, M. **Moral Imagination:** implication of cognitive Science for ethics. Chicago: The University of Chicago Press, 1993

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, **Morality for humans:** ethical understanding from the perspective of Cognitive Science. Chicago: The University of Chicago Press, 2014

KHALED JR, S. H. **Discurso de ódio e sistema penal.** Belo Horizonte, MG: Casa do direito, 2016

KLEIN, A. **Fanaticism, racismo, and rage online:** corrupting the digital sphere. New York: Palgrave Macmillan, 2017

LAKOFF, G & JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh:** the embodied mind and its challenger to western though. New York: Basic books, 1999.

LAKOFF, G **Moral Politics: How Liberals and conservative think.** Chicago: The University of Chicago, 1996.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**The political mind:** a cognitive scientist’s guide to your brain and politics. New York: Penguin Books, 2008.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ LAKOFF, G. **Thinking points:** communicating our American Values and Vision. RockRidge Institute: New York, 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Women, fire and dangerous things:** what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Don’t think of an elephant!** Kwon your values and frame the debate. White River Junction/ Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004

OXLEY, J. C. **The moral dimension of empathy**: limits and applications in ethical theory and practice. Hampshire, PALGRAVE MACMILLAN, 2011

RANCIÈRE, J. **Ódio à democracia.** Tradução Mariana Echalar. 1. Ed. –São Paulo: Boitempo, 2014

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROBIN, C. **The reactonary mind:** conservatism from Edmund Burke to Donald Trump. Ney York: Oxford University Press, 2017

SHEPARD, T. G. **Linguística da Internet.** São Paulo: Contexto, 2013.

SARDINHA, T. S. **Metáfora.** São Paulo: Parábola, 2007

TIBURI, M. **Como conversar com um fascista:** reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro.

ZIZEK, S. **Violência.** São Paulo: Boitempo, 2008